NOVELLAE OLIVARUM

ANO XIV **NÚMERO 134** **MAIO 1956**

PIO XII — O DOM DE DEUS — Cónego Amaro Teixeira 97

PIO XII — E A LITURGIA — Nicolau Baptista 99

PIO XII E AS MISSÕES — A. Lucas 104

PIO XII E A FILOSOFIA — Seabra Diniz 109

PIO XII E O CINEMA — José Vieira Marques 114

CRÓNICA — Albino Cleto 126

NOVIDADES

TRÊS BELÍSSIMOS ALBUNS ILUSTRADOS DE
Daniel - Rops
para as crianças:

HISTÓRIA SAGRADA DAS CRIANÇAS
Ilustrações de Marcel Huet 55$00

A B C DA CRIANÇA CRISTÃ
Ilustrações de Georges Braun 22$50

OS MILAGRES DO FILHO DE DEUS
Ilustrações de Annie Vallotton 22$50

e um precioso livro de Marcelle Auclair:

A GRANDE ALEGRIA ANUNCIADA ÀS CRIANÇAS 25$00

EDIÇÕES DA EDITORA FLAMBOYANT, do Brassil
distribuídas em exclusivo no nosso país pela

S E T

Sociedade Editorial «O Trabalhador»

Rua António Maria Cardoso, 68 - 2.º — LISBOA

NOVELLAE OLIVARUM

REVISTA DOS ALUNOS DO SEMINÁRIO DE CRISTO-REI — OLIVAIS
COM A APROVAÇÃO DA AUTORIDADE ECLESIÁSTICA

Director — FERNANDO DA PIEDADE MELRO
Redactores — ANTÓNIO AUGUSTO SARAIVA LEITÃO
— JOSÉ GONÇALVES MENDES
Administrador — ANTÓNIO TEIXEIRA DE SOUSA
Proprietário e Editor — NICOLAU DIAS BAPTISTA

Composição e impressão na Casa Nun'Alvares — Gouveia — Telef. 109



ÓRGÃOS
PARA
MÚSICA
SACRA

WURLITZER ORGAN

O Órgão aprovado pelo
VATICANO

Demonstrações:

CASA RUVINA

Rua Formosa, 173 — PORTO

MISSAL ROMANO

Em virtude de pedidos insistentes de pessoas amigas, resolveu a Casa Nun'Alvares criar um novo tipo de encadernação em percalina, de maior valor que aquela que temos apresentado.

O preço do Missal com esta encadernação será de 40$00. Manteremos porém o preço de 37$50 com a encadernação habitual.

PEQUENO MISSAL

Do mesmo modo, passa a haver um novo tipo de encadernação em percalina ao preço de 20$00, mantendo-se porém o tipo de encadernação de 18$00.

Mantêm-se os outros tipos de encadernação em pele e em chagrim, aos mesmos preços.

Depositária:

CASA NUN'ALVARES
GOUVEIA — Portugal

AO CLERO
E DEMAIS EDUCADORES

Só a **Casa do Desporto** *pode fornecer o competente material desportivo para Seminários, Colégios, Escolas e Catequeses com a qualidade e sortido necessários e com descontos especiais.*

Tome nota para seu proveito:

CASA DESPORTO

Rua da Madalena, 196 **LISBOA**
Telefone 30606

C. SANTOS

LANIFÍCIOS

Sortido completo de lanifícios para o Rev.mo Clero, Seminaristas, Colegiais etc.

Qualidades para todos os preços — Exclusivos — Secção de cachecois e lanifícios de côr

DESCONTOS E PRAZOS

COVILHÃ

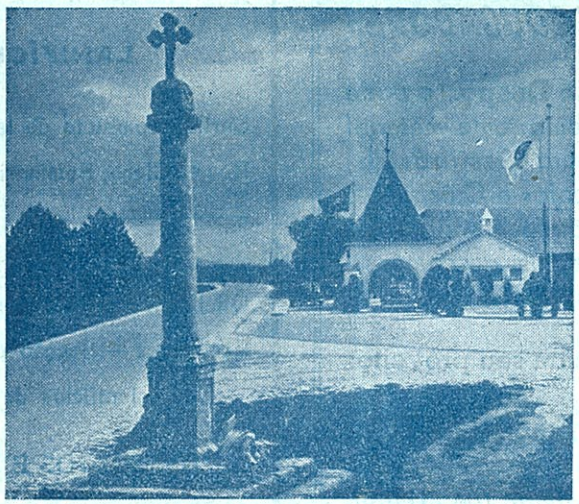
Ao serviço do automobilista

SACOR

A utilidade de um Posto de Abastecimento não exclui o seu enquadramento nas belas e suaves paisagens da nossa terra

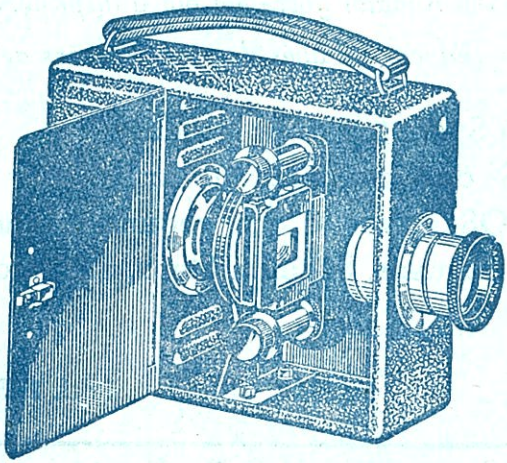
ASSIM PENSA

A SACOR



POSTO DE ALJUBARROTA

EX.MOS PÁROCOS, CATEQUISTAS, EDUCADORES:



Para o ensino adoptai o

CAMERAFIX

o projector que se impôs pela sua

luminosidade

simplicidade

economia

Funciona directamente em 220, 110 e 6 volts.

Filmes fixos portugueses

RELIGIOSOS

Santa Maria Goretti
As obras de misericórdia
Os 3 videntes de Fátima
Santo António de Lisboa
São João de Deus
O filho pródigo (parábola)
O bom Samaritano (parábola)
Os Sacramentos (colorido)

RECREATIVOS

O trinco da porta
Pedrinho, cabeça no ar
A história da Carochinha
O lobo e a cabaça
Cavalo fidalgo e burro invejoso
João pastor e o cão leal
A cigarra e a formiga
A garça e a raposa
O leão e o mosquito

ALPHA ET OMEGA

Rua Eugénio dos Santos, 76 - 2.º LISBOA

Sassetti & C.ª

Instrumentos de Música

Têm o maior gosto em pôr à disposição de V. Ex.a os seus serviços, através das suas secções de:

MÚSICAS de todas as edições
DISCOS das melhores marcas
PIANOS e ÓRGÃOS novos e em segunda mão
T. S. F. Ponto-Azul, Siemens, Schaub, Siera, etc., etc.

54, Rua do Carmo, 58 **LISBOA** **Telef. 21657**

DEFENDA A SUA VISTA

Usando Lentes e Armações de 1.ª qualidade

Casa especializada na execução de receitas médicas



Óculos * Estojos
Lupas * Binóculos
Termómetros
Barómetros * etc.

OPTICAL, L.DA

Rua Eugénio dos Santos, 30-2.º LISBOA — Telef. 367762

Concedemos os maiores descontos



PIO XII — O DOM DE DEUS

Nesta hora, conturbada, incerta e dolorosa, em que o Mundo caminha tão desvairado, Pio XII é a certeza que anima, o guia que orienta e o pai que a todos consola. Para os católicos, Sua Santidade é *o vigário de Nosso Senhor Jesus Cristo* que, no tempo e no espaço, continua a missão, pelo mesmo Jesus confiada a Simão Pedro, de confirmar os seus irmãos. E para todos nós é motivo das maiores alegrias espirituais o ver como o Santo Padre reflecte de forma tão harmoniosa e perfeita o Senhor Jesus. Em Pio XII *(o doce Cristo na terra)* admiramos e louvamos a plena floração dos Dons Divinos, tanto naturais como sobrenaturais; — PIEDADE SERÁFICA, FORTALEZA INVENCÍVEL, BONDADE SEM LIMITES, SOLICITUDE INFATIGÁVEL, CULTURA ENCICLOPÉDICA, PATERNIDADE UNIVERSAL.

A sua voz — pura e fecunda — autorizada e serena — independente e forte é, na verdade, *a Voz do próprio Filho de Deus.*

É a Voz do Filho de Deus — quando, em audiências repassadas de jovialidade e de frescura infantil, acaricia, interroga e atentamente escuta as crianças, para as quais tem palavras de ternura e de carinho , em que lhes fala da VERDADE, do BEM, do BELO, da VIDA, em termos tão singelos e tão profundos, que nos recordam o Divino Mestre. — **O Papa das crianças.**

É a Voz do Filho de Deus — quando, repleto dos sentimentos, que trasbordam do coração do Senhor, ora, sofre e faz quanto lhe é possível, em favor dos deserdados dos bens materiais — *os pobres,* dos necessitados da riqueza da saúde — *os doentes,* dos espoliados do precioso dom da liberdade — *os prisioneiros,* dos privados das inefáveis riquezas da graça divina — *os pecadores.* — **O Papa dos infelizes.**

É a Voz do Filho de Deus — quando, em pleno exercício do seu inalienável munus de Doutor universal — preside aos mais elevados cenáculos da ciência, pela oportuna e luminosa doutrinação, que de longe vem fazendo, servindo-se das formas mais variadas e tocando os assuntos mais diversos — *Teólogo com teólogos, Filósofo com filósofos, Jurista com juristas, Médico com médicos, Economista com economistas,* numa palavra, *sábio com os sábios.* — **O Papa dos intelectuais.**

É a Voz do Filho de Deus — quando lança mão de todos os meios naturais e sobrenaturais (mensagens, discursos, diplomacia, oração, penitência) para que a Humanidade possa *viver* e *trabalhar* e *crescer* sob as asas da pomba da paz — que leve todos os bens às almas, aos corações, aos indivíduos, às famílias, às nações, ao mundo. — **O Papa da Paz.**

É a Voz do Filho de Deus — quando ensina a Verdade e define o dogma. Como é consolador e motivo de fundadas esperanças dum mundo melhor, o vermos a coragem e a solicitude verdadeiramente sobrenaturais com que revê a vida interna da própria Igreja — reformas litúrgicas e disciplinares, doutrinação por desenvolvimento da Verdade ou condenação dos erros, apelos contínuos e veementes a todos os filhos da Igreja para uma vida mais contemplativa e mais apostólica. — **O Papa da Liturgia.**

É a Voz do Filho de Deus — quando se debruça em documentos notáveis como em longas vigílias de oração e penitência, sobre o mundo dos infiéis para os quais pede operários, muitos e santos obreiros, exortando todos os favorecidos com a vocação missionária a que se gastem e esgotem para que a luz bendita de Deus *ilumine* e *esclareça* e *purifique* todos os que ainda jazem nas trevas do erro. — **O Papa das Missões.**

É a Voz do Filho de Deus — quando O vemos absorvido e preocupado com a ingente obra da formação actualizada e apostólica dos Sacerdotes, que hão-de ser os portadores da mensagem de Deus aos homens. «Menti nostrae», «Sacra virginitas» e outros documentos notáveis mostram bem todo o zelo de Sua Santidade por esta obra, sem dúvida, *a mais importante e fecunda de todas*. — **O Papa do clero e dos Seminários.**

É a Voz do Filho de Deus — quando, devorado pela caridade de Cristo, atrai a Roma os filhos do mundo inteiro e os reúne em torno da Sua Augusta Pessoa para os ver, para os ouvir, para lhes falar, para os consolar, para os entusiasmar, para os abençoar. *O Homem que vive só, sente-se bem no meio da multidão.* — **O Papa das Multidões.**

E ao vê-lo ser sagrado em 13 de Maio de 1917 (dia da primeira aparição de Nossa Senhora em Fátima); e ao vê-lo no consistório em que o Senhor O elegeu para o Supremo Pontificado, ao lado do nossso Eminentíssimo Patriarca, para quem foi a primeira bênção de Vigário de Cristo; e ao vê-lo falar a nossa língua e *nela consagrar todo o mundo ao Imaculado Coração de Maria,* como Nossa Senhora pedira em Fátima; e ao vê-lo entre nós nas pessoas eminentes e venerandas de seus legados; e quando O sabemos tão solícito e tão amigo de nós e de tudo o que é nosso, parece-me que podemos chamar-lhe — **O Papa de Portugal.**

O Seminário de Cristo-Rei dos Olivais, que nestes 25 anos de actividade, sempre tem procurado *viver e sentir com a Igreja,* e tudo tem feito para que os seus alunos conheçam, estimem, amem e venerem o Padre Santo de Roma, *eleva a Deus o mais fervoroso hino de acção de graças* pelos oitenta anos de vida e 17 de Pontificado de Sua Santidade Pio XII — *o grande dom de Deus à Igreja e ao mundo.*

«Dominus conservet eum
et vivificet eum
et beatum faciat eum in terra»

CÓNEGO AMARO TEIXEIRA
Vice-Reitor

PIO XII E A LITURGIA

Falar de «PIO XII E A LITURGIA» é falar da acção do Papa na própria vida da Igreja, visto a Liturgia ser vida, acção vivificadora dos fiéis.

Depois de PIO X — o primeiro Pontífice da renovação litúrgica — e de PIO XI, que com a Constituição «*DIVINI CULTUS*» de 20 de Dez. de 1928 muito contribuiu para o progresso dessa renovação, PIO XII representa a fase, até nossos dias, máxima, desse mesmo movimento renovador, com a tão vasta quão providencial acção dispendida desde a sua elevação à Cátedra de S. Pedro até ao presente.

Em 29 de Junho de 1943, publica a encíclica *MYSTICI CORPORIS CHRISTI*, que marca o início de um novo tratado sobre a natureza íntima e orgânica da Igreja, e onde a vida litúrgica contribui grandemente para a doutrinação do Corpo Místico.

Em 1945, entrega Pio XII à Igreja a *nova tradução dos Salmos*, feita segundo os originais, a qual vem contribuir largamente para maior vida litúrgica, dado o importante lugar do Saltério na Liturgia Laudativa da Igreja.

Em 20 de Nov. de 1947, aparece a encíclica *MEDIATOR DEI*, a magna carta dos problemas litúrgicos, que constitui como «o segundo capítulo do novo tratado da Igreja», iniciado na *Myst. Corp.* A quando do seu aparecimento, oportunamente escreveu o *Osservatore Romano:* «Com grande sentido de oportunidade, o Pastor Angélico, que é acima de tudo, Pastor de almas, julgou conveniente exortar à observância exacta das leis litúrgicas, para salvaguardar a pureza da fé, a integridade dos costumes, certo de que o único sustentáculo capaz de amparar o mundo vacilante é o renovamento de todas as coisas em Cristo». Entre nós, alguém a saudou, desde o seu aparecimento, como «grande acontecimento, talvez um dos mais notáveis da vida da Igreja». Este documento, ansiosamente esperado e insistentemente pedido por quantos laboriosamente se ocupavam do movimento de renovação litúrgica, veio determinar bem claramente quais as única e verdadeiramente autênticas posições, quais os princípios orientadores deste movimento.

Em 1951, dá o Santo Padre à Igreja, por então a título de experiência, a *VIGILIA PASCAL RESTAURADA*, logo enriquecida no ano seguinte com algumas modificações.

Em Abril de 1955, publica o decreto de simplificação das rubricas do Breviário e do Missal, a entrar em vigor em 1 de Janeiro do ano seguinte.

Em Novembro último, por decreto da S. Congregação dos Ritos, reforma, ou melhor, restaura, a «*ORDEM*» *LITÚRGICA DA SEMANA SANTA*.

Todas estas reformas são feitas porque «as exigências dos tempos e as necessidades das almas», usando a expressão da Mediator Dei, o imploram.

A Encíclica sobre a Música Sacra, *MUSICAE SACRAE DISCIPLINA*, de 25 de Dezembro, destinada a «confirmar, inculcar, ilustrar com novas razões, completar

e adaptar aos novos tempos» o Motu Proprio TRA LE SOLLECITUDINI de S. Pio X, que continua a ser o «Código Jurídico da música sacra», e ainda, dirimir e resolver, aclarando, muitas questões levantadas e discutidas nos últimos decénios, — foi, também ela, publicada «a fim de que esta nobilíssima e insigne arte contribua cada vez mais para a esplendorosa celebração do culto divino e fomento eficaz da vida espiritual dos fiéis» (1).

E já os jornais anunciam, para o dia 22 do próximo mês de Setembro, um longo quão importante discurso do Santo Padre Pio XII sobre Liturgia, discurso este assinalando o encerramento do Congresso Litúrgico que, sob a presidência do Ex.mo Cardeal Cicognani, Prefeito da S. C. dos Ritos, se vai realizar em Assis, de 18 a 22 de Setembro do ano que decorre.

Esta simples enunciação das realizações mais importantes de Pio XII neste campo da Liturgia — e se acrescentarmos as que se anunciam para um futuro mais ou menos próximo, maior realce atingem — são de si suficientes para avaliarmos da acção verdadeiramente grandiosa do Papa Reinante, no movimento de renovação litúrgica moderno, em boa hora iniciado nos fins do século transacto e começos do actual, pela aturada diligência de alguns mosteiros, sobretudo da Gloriosa Ordem Beneditina.

Actualidade da Mediator Dei

Deixando de parte, por agora, os demais documentos, lancemos um rápido olhar para a actualidade da *Mediator Dei,* pois é ela quem informa, dando-lhes razão de ser, todas as realizações neste campo produzidas, e que no futuro se hão-de levar a bom termo, queira Deus em ritmo apressado.

Principalmente entre nós, creio, a *Mediator Dei,* se publicada agora, provocaria reacção maior e mais frutos de vida litúrgica do que os produzidos, publicada que foi há já nove anos.

Felizmente, as últimas reformas levadas a cabo pela Santa Sé têm-nos feito despertar um pouco do torpor em que parecíamos andar adormecidos. Mesmo assim, nem em tudo e em todos se parece ter atingido ainda, em grau ao menos mediano, os objectivos que o Santo Padre se propôs e ardentemente deixou expressos ao mundo, na encíclica de que escrevemos (2).

Como já atrás se deixou suposto, foi intenção do Papa, ao publicar a *Mediator Dei*»: *estimular e orientar* os fautores do movimento litúrgico, *fazer doutrina* em matéria litúrgica, e ao mesmo tempo, *apontar os erros,* condenando por igual, excessos, defeitos e a inércia dos comodistas. Ouçamos a Sua palavra autorizada:

---

(1) Sobre esta Encíclica, pode ler-se na LUMEN de Março último, quer o texto integral, quer dois oportunissimos comentários dos Rev.mos P.es Dr.es Manuel Faria e José Augusto Alegria.

(2) Assim, por exemplo, não se compreende, na sequência do que atrás se escreveu, que, tendo aparecido nos primeiros dias de Janeiro o texto latino da «*Musicae Sacrae Disciplina*», só dois meses depois pudéssemos *ler* em português, tão importante documento.

«Não julgem os inertes e tíbios que os aplaudimos, pelo facto de corrigirmos os erros e refrearmos as audácias; nem os imprudentes se creiam louvados, quando repreendemos os desleixados e comodistas» (1).

Estas palavras assinalam convenientemente o método empregado pelo Romano Pontífice na elaboração da Encíclica.

Deseja o Santo Padre que todos os princípios orientadores do renovamento da vida litúrgica estejam conformes à sã doutrina e normas da Santa Sé, pelo que apresenta a todos de boa vontade e santo zelo, os princípios certos e seguros de que se não devem desviar quantos labutam em tão ingente tarefa.

O princípio primeiro e, quanto a nós, fundamental, porque alicerce de todo o edifício da renovação litúrgica, é o que poderíamos apelidar de *«pureza de doutrina* — doutrina de fé, doutrina de costumes — e *«submissão total à Hierarquia»*.

«A pureza da fé e da moral, diz a Encíclica (n.º 9), deve ser a norma característica desta sagrada disciplina, que deve absolutamente conformar-se ao sapientíssimo ensino da Igreja. É, por isso, dever Nosso encorajar e aprovar tudo o que é bem feito, refrear e reprovar tudo o que se desvia do verdadeiro e justo caminho».

Daqui se infere que ao incrédulo, ao indiferente, ao imoral ou desonesto, estão vedados os acessos a este movimento, quer se trate do aspecto cultural, quer do campo artístico — a renovação da arquitectura, pintura, escultura ou da música. «Como há-de ele exprimir sentimentos que não tem, ou ideias que a sua vida recusa? As suas obras religiosas seriam uma mentira, e o que não é verdade, não é arte».

Quanto ao segundo elemento — submisso à Hierarquia — apela Pio XII para a docilidade do Clero e dos fiéis na *«generosa obediência* à Voz do Pai comum, para que se edifique a verdadeira Igreja, pela unidade de fé, de moral e de culto». «Reclama-o a honra de Deus, exigem-no as necessidades dos tempos presentes» (M. D. - 12).

Que, ao menos nós cristãos, demos ao mundo dividido e revolto, exemplo de união e obediência sempre pronta ao Pastor Supremo da Igreja, acolhendo dòcilmente todas as disposições se digne conceder-nos, e aguardando humilde, embora confiadamente, e com espírito de filial devoção e desejo de melhor glorificar a Deus, as novas reformas daquilo que nos parece menos adequado ao nosso tempo.

O direito da Igreja a este movimento

Como Pai e Pastor que é de toda a Cristandade, o Santo Padre apresenta-nos em concisas palavras a razão de ser de todo o movimento litúrgico — «as exigências dos tempos e as necessidades das almas». — Atendamos, pois, às Suas palavras:

---

(1) «Med. Dei», 10 — edição da Junta Central da A. C. Portuguesa, com ideário, notas e índice analítico por O. B. (do clero de Lisboa) e apresentação por D. Gabriel de Sousa, Abade do Mosteiro de Singeverga.

«A Hierarquia Eclesiástica usou sempre deste seu direito em matéria litúrgica, ordenando o culto divino e enriquecendo-o de sempre novo esplendor e brilho para *glória de Deus* e *proveito dos fiéis*. Não duvidou, além disso — salvo a substância do Sacrifício Eucarístico e dos Sacramentos — mudar o que já não tinha razão de ser e acrescentar o que melhor parecia contribuir para aumentar a honra de Jesus e da Augustíssima Trindade, e para a instrução e salutar estímulo do povo cristão». (1)

«A Sagrada Liturgia, com efeito, consta de elementos humanos e elementos divinos; os divinos, é evidente, tendo sido instituídos pelo Divino Redentor, não podem ser mudados pelos homens; ao contrário, os humanos podem sofrer várias modificações, aprovadas pela Hierarquia com o auxílio do Espírito Santo, consoante *as exigências dos tempos e as necessidades das almas*». «Tudo isto é prova da vitalidade da imaculada Esposa de Cristo, durante tantos séculos». (M. D., 48).

Muitas foram as causas e factores vários a influir no desenvolvimento e evolução da Liturgia Sagrada, durante a longa e gloriosa história da Igreja. O Santo Padre enuncia-os em seguida, nos números 49 a 53 (numeração, segundo a edição da A. C. Portuguesa) da «*Mediator Dei*».

a) O progresso na formulação da doutrina católica, v. g. sobre a Incarnação do Verbo, o Sacramento e Sacrifício Eucarístico, a Santíssima Virgem.

b) O desenvolvimento da disciplina dos Sacramentos.

c) A oficialização de certas práticas piedosas de iniciativa privada e devoções populares.

d) A generalização de certas celebrações peculiares de tal época ou região.

e) A influência das artes de construção e decoração («progresso das belas artes, em especial da arquitectura e escultura, da pintura e da música»).

«A moderar iniciativas indiscretas interveio repetidas vezes a Santa Sé; e com tal intuito foi criada a Sagrada Congregação dos Ritos».

Quando estabelece as posições do direito litúrgico, depois de definir qual o direito que assiste ao Romano Pontífice e aos Bispos nesta matéria, novamente declara: (M. D. 57).

> *«A Igreja é um organismo vivo, e por isso, mesmo no que respeita a Sagrada Liturgia e sem prejuízo da integridade do seu ensino, cresce e progride, adaptando-se e conformando-se às circunstâncias e exigências que se verificam com o andar dos tempos;*
>
> *E, no entanto, temerária e absolutamente reprovável a ousadia daqueles que, de propósito, introduzem novos costumes litúrgicos ou fazem reviver ritos já caídos em desuso e que não concordam com as leis e rúbricas vigentes».*

Este organismo vivo, a Igreja, não é mais do que a concretização da ideia paulina do Corpo Místico. Donde a noção de Liturgia como «culto do Corpo Místico integral, i. é, da Cabeça e dos Membros».

---

(1) *Mediator Dei*», 47 — cf. Const. «*DIVINI CULTUS*», de Pio XI, de 20/12/1928.

«Deste princípio doutrinal fecundíssimo, deduz-se a necessidade da participação activa dos fiéis na Liturgia, como coisa que, evidentemente, não é só com o sacerdote, mas a cada qual diz respeito e interessa muito de perto».

Iluminado por este pensamento, Pio XII consagra oficialmente muitos dos postulados do movimento litúrgico. Enumeremos alguns:

— O uso da língua vulgar em muitos ritos é reconhecido como útil; recomenda-se o uso do Missal popular e da «Missa dialogada»; sugere-se a necessidade de se instituir em cada Diocese a Comissão intensificadora e coordenadora do Apostolado litúrgico; exortam-se os fiéis a que comunguem à Missa, no momento próprio (com hóstias consagradas nessa Missa — e censuram-se os Sacerdotes que, sem razão justa, lho não proporcionem); estimula-se o canto das Vésperas dominicais pelos fiéis; deseja-se que os exercícios de piedade extra-litúrgicos sejam imbuídos do espírito da Liturgia; — recomenda-se o canto gregoriano, mesmo para o povo (1); — e promove-se a formação litúrgica do Clero e do povo por meios vários».

Por estes breves apontamentos aqui inseridos, mais ou menos desordenadamente, se vê a premente actualidade da *«Mediator Dei»* e a providencial acção de PIO XII a favor do movimento renovador da Sagrada Liturgia.

Só nos resta fazer votos por que, ao menos os Sacerdotes, e quantos para o Sacerdócio se preparam, leiam meditando uma e mais vezes, tão profundo e rico documento, sabendo tirar da sua leitura frutos para a vida litúrgica própria e dos fiéis que lhes estão confiados, ou um dia lhes venham a ser entregues. Isto mesmo se deve dizer da *«Música Sacrae Disciplina»* e dos demais documentos do Santo Padre.

Se muitos erros se cometem e muitos abusos se praticam, isso deve-se, quase sempre, ao desconhecimento, por vezes culpável, das directivas tão actuais, tão concretas e práticas dos Nossos Pastores, inclusivamente do Sumo Pontífice.

Saibamos dar realização às esperanças que o Santo Padre deposita nas Suas paternais Palavras:

> *«Seja-nos lícito esperar que estas Nossas exortações despertarão os tíbios e renitentes, não só a um estudo mais aplicado e mais ordenado da Liturgia, mas ainda a traduzir na prática da vida o seu espírito sobrenatural, como diz o Apóstolo: «Não apagueis o Espírito». (M. D. 176).*

Mostremo-nos, pois, gratos, a Deus Nosso Pai, que tão insigne Pontífice concedeu à Sua Igreja para os difíceis tempos do mundo de hoje.

NICOLAU BAPTISTA

---

(1) Sobre a Música Sacra, vivamente se recomenda a leitura da referida Encíclica de Pio XII.

PIO XII E AS MISSÕES

Tem-se falado muito, ùltimamente, do problema missionário como de uma questão sobre a qual se procura fixar com particular cuidado a atenção dos católicos. O problema é, em si, tão velho como a Igreja. Ele se nos revela como o mais profundo e se relaciona, superando-os, com os grandes problemas que podem interessar a humanidade. É, por excelência, o problema da glória de Deus e da nossa própria glória... «Único problema pelo qual o Céu se interessa» (1).

«Ide, pregai o Evangelho a toda a criatura», foi o testamento missionário de Cristo. E, através de todos os tempos, a Igreja tem sido a grande realizadora da vontade do Chefe. Hoje porém, mais do que nunca, esse problema angustia os católicos e é credor de muito maior entusiasmo. Os últimos pontífices, compreendendo a gravidade do momento, têm dispensado à causa missionária muitos dos seus esforços. As encíclicas missionárias têm-se sucedido num apelo constante a um tomar de posições. Assim, Leão XIII com «*Sancta Dei Civitas*» e «*Christi Nomen*», Bento XV com a «*Maximum Illud*», Pio XI com a «*Rerum Ecclesiae*», Pio XII com «*Saeculo Exeunte Octavo*» (1940), «*Evangelii Praecones*» (1951), «*Eclesiae Fastos*» (1954) e «*Ad Sinarum Gentes*» (7 de Outubro de 1954), são os consagradores, no nosso tempo, do apelo católico do Mestre. A urgência da questão, vista já por Pio XI, está nitidamente expressa nas palavras do actual Pontífice:

«Parece-Nos... sumamente oportuno nestes tempos procelosos e ameaçadores, em que muitos povos se sentem divididos por interesses opostos, recomendar de novo a causa das Missões, pois os pregoeiros do Evangelho são mensageiros da bondade humana e cristã, e a todos exortam à fraternidade e compreensão mútua, capaz de superar os conflitos dos povos e as fronteiras das nações» (2).

Na impossibilidade de tratar, com igual cuidado, todos os aspectos, que são muitos, da obra missionária de Pio XII, cinjo-me a três pontos que se me afiguram importantes.

A vocação missionária

Porque o sacerdócio é missionário, quer na sua projecção lógica, quer no desenvolvimento natural da sua essência, a «conversão das gentes» à fé tem-se conseguido e há-de conseguir-se pelo ministério dos sacerdotes. Facilita-lhe o caminho e lhe fixa as raízes um trabalho de cooperação por parte dos fiéis.

Pergunta S. Paulo: «Como invocarão (os infiéis) aquele em quem não ouviram

---

(1) Paulo Manna in «*O Problema Missionário e os Sacerdotes*».
(2) «*Evangelii Precones*» — Ed. U. M. C. — págs. 3-4.

falar? E como ouvirão se não houver quem lhes pregue? E como pregarão eles se não forem enviados?» (3).

Daqui se infere que a salvação eterna depende da fé, a fé da pregação, a pregação do ministério dos missionários.

«Beati pedes evangelizantium»!...

Pio XII acentua a sublimidade da vocação missionária na Encíclica «Evangelii Praecones»: «convém advertir de... que quem é chamado por divina inspiração para a vida missionária, é designado para uma obra grandiosa e de incomparável elevação. Consagra a própria vida para dilatar o Reino de Deus até aos confins da terra» (4). E depois, tendo em vista aquela passagem da Epístola aos Filipenses (capit. II, 21), «porque todos buscam os seus próprios interesses e não os de Jesus Cristo», acrescenta: o missionário «não busca o que é seu mas o que é de Jesus Cristo» (5). A ele se podem aplicar, muito especialmente, «as belíssimas expressões do Apóstolo: «somos embaixadores de Jesus Cristo, vivendo em carne mortal não pelejamos segundo a carne», «fiz-me enfermo com os enfermos para ganhar os enfermos» (6).

A vocação missionária é uma vocação sublime porque é a própria vocação de Jesus Cristo: «Ide, pregai o Evangelho a toda a criatura», sede «mártires» comigo da Misericórdia.

A vocação missionária é essencialmente um sacrifício e se nem sempre leva à morte violenta, implica, pelo menos, sempre, aquele martírio contínuo da hora que passa.

Pio XII vê nos progressos da causa missionária um «fruto não só de imensos trabalhos de semeadores da palavra divina mas também de muito sangue derramado em generoso martírio» (7). E, num discurso aos capelães militares (8 de Dezembro de 1939), acentua que «é nos sofrimentos que se prepara a vitória da Igreja». E os sofrimentos são reais hoje em dia. «Não faltaram nestes vinte e cinco anos, terríveis perseguições à Igreja nalgumas nações... chegam-nos notícias de que não poucos fiéis, como também religiosas, missionários, sacerdotes indígenas e até alguns bispos... foram expulsos de suas casas e privados de seus bens. Uns andam passando fome no exílio, outros estão encerrados em campos de concentração, outros ainda foram cruelmente trucidados» (8).

Pio XII diz pormenorizadamente quais as virtudes e qualidades que devem ornar a vida do missionário. Ele «deve ser, não só por vocação, mas também por doação completa e perpétua de si mesmo, homem de Deus. Pois que — ensina a admirável Encíclica «*Maximum Illud*» de Bento XV de v. m. — importa que seja homem de Deus aquele que prega Deus e porque é necessário que odeie o pecado, aquele que ensina o ódio ao pecado». (9). Fala-se aqui de uma santidade com raizes bem fundas,

---

(3) Romanos, X-14-15.
(4) «*Evangelii Praecones*» — E. U. M. C. — pág. 9
(5) «*Evangelii Praecones*» — Ed. U. M. C. — pág. 9 e 10.
(6) «*Evangelii Praecones*» — Ed. U. M. C. — pág. 10.
(7) «*Evangelii Praecones*» — Ed. U. M. C. — pág. 7.
(8) *Evangelii Praecones*» — Ed. U. M. C. pág. 7.
(9) «*Saeculo Exeunte Octavo*» — Ed. Missões — pág. 95 e seg.

«não de uma probidade superficial que desapareceria ao primeiro contacto com a corrupção do paganismo» ([10]). Porque, homens que aparentam piedade mas repudiam a virtude «de certo não serão o sal da terra que cure a corrupção dos costumes pagãos, nem a luz do mundo que mostre o caminho da salvação aos que jazem nas sombras da morte» ([11]).

Acentuando os conhecimentos gerais que o missionário deve receber, S. Santidade afirma: «é preciso que o missionário receba uma educação completa, tanto científica como pastoral, de maneira que possa realmente ser um sábio arquitecto do Reino de Deus» ([11]).

Doutra sorte «se lhe faltam estes conhecimentos sagrados e profanos, o Missionário, guiado ùnicamente pelo seu zelo, arrisca-se a edificar sobre areia». ([11]).

E, numa exortação final aos missionários, (Encíclica *«Saeculo Exeunte Octavo)*, Pio XII dá aos pregoeiros do Evangelho um conselho verdadeiramente paternal, como outrora S. Paulo a Timóteo: «Sectare pietatem — dai-vos à piedade». Que «se a graça de Deus morar nos vossos corações, não deixará de difundir-se à volta de vós e sobre os vossos trabalhos».

Adaptação missionária

É inegável que a actividade missionária requere uma certa adaptação porquanto toda a causa eficiente, à excepção da causa criadora, deve adaptar-se à matéria que molda. Desde que se aceite que o fim específico das missões é o estabelecimento da Igreja visível em regiões onde ainda não está plantada, o problema da adaptação surge como uma necessidade.

É o que o Santo Padre ensina na Encíclica *«Evangelii Praecones»:* «o apóstolo é mensageiro do Evangelho e pregoeiro de Jesus Cristo. Não tem o encargo de transplantar a civilização especificamente europeia para as terras de missões. Mas deve preparar esses povos, que se orgulham às vezes de civilizações milenárias para acolherem e assimilarem os elementos de vida e de moral cristã, que fácil e naturalmente se adaptam a toda a verdadeira cultura profana e lhe conferem a plena capacidade e força de assegurar e garantir a dignidade e felicidade humanas».

Ver na adaptação missionária uma concessão feita à fraqueza dos neófitos é cair num erro crasso. A adaptação deve antes aparecer-nos como uma obra santa, que nasce da própria natureza da Igreja: «fiz-me enfermo com os enfermos pra conquistar os enfermos» ([12]) e «fiz-me judeu com os judeus para conquistar os judeus». É uma obra de amor respeitoso e todo o amor respeita, naturalmente o seu objecto!

Já em 1659 a Congregação da Propaganda se esforçava por que fossem respeitados os costumes dos povos a evangelizar: «qu'y aura-t-il de plus absurde que de transporter en Chine, la France, l'Espagne, l'Italie!... Ce n'est pas cela que vous (missionários) avez à apportez mais la foi, cette foi qui ne rejette ni ne détériore les costumes

---

([10]) *«Saeculo Exeunte Octavo* — Ed. Missões — pág. 96.
([11]) *«Saeculo Exeunte Octavo»* — Ed. Missões — pág. 96 e seg.
([12]) *I Cor.*, IX-22.

et les usages d'aucun peuple» (13). É preciso ter em conta que, «a Igreja, quando civiliza os povos sob a inspiração da religião cristã... procede como quem enxerta árvores bravas com qualidades escolhidas, para que elas venham a dar frutos mais saborosos e sazonados» (14). Os costumes particulares e tradicionais dos povos não os reprimiu severamente a Igreja «mas tudo santificou; e embora transformando o espírito e o conteúdo dos dias festivos, soube aplicá-los à celebração das memórias dos mártires e dos sagrados mistérios» (15).

Importa dizer bem alto que «evangelizar não é europeizar». Fique-nos deste contacto com a adaptação missionária a certeza de que, se é irreligioso roubar os candelabros dum templo, é iníquo destruir os elementos honestos de uma cultura humana... «Os católicos indígenas embora sejam em primeiro lugar membros da família de Deus e cidadãos do seu Reino, não deixam contudo de ser também cidadãos da própria pátria terrena» (15).

Clero indígena

«É evidente que a Igreja não se pode estabelecer convenientemente nas novas regiões, sem organização adequada e principalmente sem clero indígena à altura das necessidades locais» (16).

Notícias vindas de várias partes do mundo dão-nos motivos de sobejo para temer pelo futuro dos missionários estrangeiros. É que são muitas as mentalidades políticas actuais que não compreendem a missão da Igreja no mundo. Os missionários estrangeiros são, para eles, espias ou pouco menos ao serviço de potências e interesses estranhos e é difícil, por muito boa vontade que exista de parte a parte, evitar que um sem número de receios venha a pôr entraves ao exercício do apostolado.

Não acreditam ou fingem não entender o que S. Santidade disse aos Bispos americanos por ocasião do Congresso Eucarístico Internacional do Rio de Janeiro:

«de maneira nenhuma hão-de ser tidos como estranhos os sacerdotes não nacionais; uma vez que o padre seja fiel aos deveres do seu ministério está, na terra em que trabalha para que nela floresça o Reino de Deus, como em sua própria pátria».

Urge intensificar por todos os meios a formação do clero indígena. Porque «suponhamos que por motivo de guerra ou de outros acontecimentos políticos, em algum território de missão se substitua um governo por outro e se exija ou se decrete o afastamento dos missionários de determinado país; — suponhamos — o que mais dificilmente acontecerá — que as populações nativas, atingindo maior grau de civilização e uma espécie de maioridade cultural, decidam, para tornar se independentes, excluir do seu território, os representantes, as tropas e os missionários das nações colonizadoras e que isso se não possa levar a efeito sem o recurso à violência. Teríamos que asistir à ruina da Igreja em tais regiões «se não se tivesse providenciado às

---

(13) «*Collect. Prop. Fid*» 1907, vol. I, pág. 42).
(14) «*Evang. Praecones*» — Ed. U. M. C. — pág. 22.
(15) «*Evang. Praecones*» — Ed. U. M. C. — pág. 23.
(16) «*Evang. Praecones*» — Ed. U. M. C. — pág. 11.

necessidades dos convertidos, estendendo por todo o território uma como rede de sacerdotes nativos» (17).

Foi o que aconteceu na Coreia e na China e o que virá a suceder na India se os seus governantes não mudarem de directrizes. Referindo-se aos dois primeiros países diz Sua Santidade :«Damos a Deus imensas graças por haver em ambas as nações um clero nativo escolhido e já numeroso, esperança da Igreja, e por bastantes dioceses estarem entregues já a bispos do País» (18).

Falando de Portugal o Santo Padre congratula-se com a abundância das vocações missionárias na Arquidiocese de Goa e faz votos por que, à imitação dela, «também as outras circunscrições eclesiásticas dos domínios portugueses possuam, dentro em breve um exemplar clero indígena... É uma glória de Portugal o ter sempre associado à fortuna da Metrópole os povos das terras ultramarinas, procurando elevá-las ao mesmo nível de civilização cristã. Nós contamos com esta louvável tradição para a realização deste que é um dos sonhos mais acalentados pela Igreja nos últimos tempos: a formação de clero indígena» (19).

Há já alguns territórios de Missão onde a jerarquia é exclusivamente ou quase, constituída por elementos locais. É-nos particularmente grato contar nesse número a nossa arquidiocese de Goa. Sacerdotes indígenas há-dos em toda a parte. Bispos, só na Ásia e na África havia, em Março de 1956, 113. Desses, 13 pertenciam à África e os 100 asiáticos encontravam-se assim distribuídos:

India — 33; Ceilão — 3; Sião — 2; Vietnam — 9; Coreia — 3; Japão — 9; Indonésia — 3; Formosa — 1; Birmânia — 2; Malásia — 2; China — 33.

Nos territórios portugueses não há actualmente nenhum bispo indígena. A história porém guarda o nome e virtudes da grande figura que foi D. Henrique, bispo negro, filho do rei do Congo Português (Séc. XVI).

* * *

Pio XI, que viu nas Missões «a obra capital dos tempos modernos, passou à história com o honroso título de «Papa das Missões». Quanto a Pio XII, recebeu já o seu labor missionário a merecida consagração na frontaria de uma Escola Técnica para Refugiados em Hong Kong:

«Dedicated in filial gratitude to his holiness Pope Pius XII, father to the refugees and pope of the Missions».

A. LUCAS

---

(17) «*Evang. Praecones*» — cit. da «Rerum Ecclesiae» de Pio XI.
(18) «*Evang. Praecones*» — Ed. U. M. C. — pág. 12.
(19) «*Saeculo Exeunte Octavo*» — Ed. Missões — pág. 92-93.

PIO XII E A FILOSOFIA

«As discórdias e os erros do género humano, em matéria de religião e de moral, foram sempre para todos os bons, e principalmente para os fiéis e sinceros filhos da Igreja, causa de profundo pesar, mas são-no hoje de modo especial, quando vemos atacados por todas as partes os princípios mesmos da civilização cristã» (1). Aqui onde se diz moral, poder-se-ia, sem forçar o pensamento de Sua Santidade e falando num sentido mais lato, empregar a palavra Filosofia, dada a grande importância que tem para a Fé esta disciplina do saber humano, importância tão bem compreendida como vigorosamente afirmada pelo próprio Santo Padre. Assim, diz que «aos teólogos e filósofos cristãos (...) incumbe a grave missão de defender as verdades divinas e humanas e difundi-las entre os homens». Fàcilmente se compreende, portanto, numa época que tem sido perturbada por grande desorientação intelectual, e em que «vemos atacados por todas as partes os princípios da civilização cristã», o interesse dedicado por aquele a quem por missão cabe a defesa desses mesmos princípios, a factor que tão importante é para alcançar esse fim.

Se bem que várias vezes o Santo Padre tenha falado de Filosofia e exposto o pensamento e algumas normas da Sé Apostólica, sem dúvida se pode afirmar ser a «*Humani Generis*» o mais completo documento pontifício sobre o assunto, e aquele em que estão reunidos os pontos essenciais desse mesmo pensamento. Servir-me-á, pois, de base.

A parte filosófica e bem assim a teológica deste documento, tem como fim principal a salvaguarda da Fé. Neste trabalho podemos distinguir uma parte negativa, em que são condenadas algumas doutrinas erróneas, e uma parte positiva, em que se esclarecem ideias, se indica uma atitude a tomar pelo pensador cristão e se aponta uma doutrina. Esta segunda parte, não é, certamente, menos importante que a primeira. Assim, diz Albert Dondeyne: «se a Encíclica *Humani Generis*» é uma advertência contra tudo o que, neste momento, poderia prejudicar a integridade da Fé, não é menos — e de resto pela mesma razão — um convite instante a que nos ocupemos cuidadosamente dos problemas teológicos e filosóficos nascidos do encontro da Fé com o pensamento contemporâneo» (2). Neste espírito se debruça o Santo Padre sobre esses mesmos problemas, e estabelece aqueles princípios julgados necessários para base de qualquer sã filoofia. Estes ensinamentos estão, aliás, em perfeita continuidade com os ministrados anteriormente pelos Pontífices Romanos. Como nota o P.e Hayen, «o Papa retoma, acentua, precisa ou completa as precedentes declara-

(1) «*Humani Generis*». — Todas as citações são da mesma encíclica desde que nada se diga em contrário.

(2) «Foi Chrétienne et Pensée Contemporaine».

ções da Igreja, em função das actuais correntes de pensamento, das suas hesitações e desvios» (1).

O valor de toda e qualquer filosofia, como se sabe, está, em íntima dependência do valor que se atribuir à razão humana. Por isso, o Santo Padre fala, com particular insistência e em primeiro lugar, deste ponto, de modo a marcar uma posição bem definida. É afirmada, antes de mais, a capacidade da razão humana de chegar ao conhecimento certo de uma verdade imutável, e de conhecer a verdade com certeza, sem que para isso seja necessária a intervenção da vontade. Mais adiante é dito: «Todos sabem quanto apreço dá a igreja à razão humana no que diz respeito à sua capacidade de demonstrar com certeza a existência de um Deus pessoal; de provar iniludìvelmente pelos sinais divinos os fundamentos da própria Fé Cristã; de exprimir com justeza a lei natural que o Criador imprimiu na alma humana; de conseguir, por fim, uma inteligência limitada, mas utilíssima, dos mistérios». Neste trecho tão denso distinguem-se três pontos principais:

a) a razão humana pode demonstrar com certeza, apenas com os seus recursos naturais, a existência de um Deus pessoal e único, e o governo do mundo pela sua Providência — esta última parte é afirmada noutro lugar, ao dizer-se que a inteligência pode demonstrar com certeza a existência de «um Deus pessoal, que governa e protege o mundo com a sua Providência»;

b) a razão «pode provar iniludivelmente os fundamentos da própria fé cristã e chegar a um certo conhecimento dos mistérios;

c) a razão «pode exprimir com justeza a lei natural que o Criador imprimiu na alma humana» e por consequência ter dela um conhecimento verdadeiro.

Nesta série de afirmações sobre o valor do intelecto, deixa-se no escuro, embora se lhe faça breve alusão, o problema das relações entre a inteligência e a vontade. A ele responde o Sumo Pontífice: «à filosofia das nossa aulas levantam esta acusação: que ela, no processo do conhecimento, se ocupa sòmente da inteligência e omite a função da vontade e do sentimento. Isto não corresponde à verdade. A filosofia cristã jamais negou a utilidade e eficácia que provém das boas disposições da alma toda, para conhecer e abraçar as verdades religiosas e morais». É este também o pensamento de S. Tomás, segundo o qual inteligência e vontade, se não devem confundir-se, também não podem separar-se. Há circularidade entre elas. Deve ter-se sempre presente que o homem é um todo uno, e evitar uma excessiva análise, necessàriamente deformadora.

Continuando a expor as bases em que deverá assentar toda a filosofia verdadeira, o Santo Padre passa para o campo da Metafísica.

a) Devem ser aceites como absolutamente certos os «indestrutíveis princípios da Metafísica — a saber: de razão suficiente, de causalidade e de finalidade». O princípio de razão suficiente não deve ser entendido no sentido leibniziano, mas sim no sentido de que «tudo tem a sua razão de ser e é, portanto, inteligível».

b) «A fé católica obriga-nos a professar que as almas são imediatamente cria-

(1) *«Nouvelle Revue Theologique»*, Fev. 1951 — «L'Humani Generis et la Philosophie».

das por Deus» mas, esta verdade pode ser demonstrada racionalmente, como também a não preexistência da alma antes de ser infundida no corpo. Por isso, só aceitando esta primeira afirmação, bem como a necessidade de uma intervenção especial de Deus para o aperfeiçoamento da vida (porque o menos — a matéria não viva — nunca pode por si só dar o mais — a matéria viva), se pode encarar em Filosofia a hipótese transformista. É certamente pensando nestas balizas da actividade filosófica, que o Santo Padre fala da «moderação e justa medida» com que o Magistério exige que se tratem estas doutrinas, permitindo embora «que, em conformidade com o actual estado das ciências e da teologia, seja objecto de pesquisas e de discussões, por parte dos competentes em ambos os campos, a doutrina do evolucionismo».

c) Entre a matéria e o espírito há uma diferença, não apenas de grau, mas essencial. Não vem isto destruir a unidade do homem, ficando de um lado o espírito e do outro a matéria. A alma é a forma do corpo e fá-lo ser aquilo que é. Em rigor, não se pode falar de corpo humano sem que nesta expressão se envolva o facto de ele ser informado pela alma. Estão substancialmente unidos, isto é, constituem um único sujeito de acção.

d) Os progressos da Física não permitem de modo nenhum que se afirme a não existência de substâncias no sentido clássico do termo. No discurso de abertura do IV Congresso Tomista Internacional, em que o Santo Padre fala de «três pontos particulares da Física moderna que dizem respeito à estrutura íntima da Matéria» a questão é vista mais em pormenor. Assim, ao tratar do mecanicismo diz: «à medida que se desce aos elementos mais fundamentais, aparecem laços mais íntimos que os de ordem puramente mecânica: estes laços postulam uma certa unidade dos princípios que agem na diversidade das partes componentes. É justamente neste domínio que a doutrina do hilemorfismo se mostra útil (...) A teoria da matéria e da forma, do acto e da potência, pode esclarecer as exigências da ciência moderna com uma luz que quadra bem como os resultados da experiência:

A gratuidade total da ordem sobrenatural, que é afirmada na Encíclica, tem uma consequência filosófica: é falso que Deus não possa «criar seres inteligentes sem os ordenar e chamar à visão beatífica».

* * *

Como diz Hayen (1), a Encíclica inculca um intelectualismo que é ao mesmo tempo, tradicional e progressista. Este intelectualismo «proclama, não a subordinação do ser à razão, mas a subordinação do espírito ao real».

Marca uma atitude a tomar pelo pensador católico, em cujo trabalho se devem fundir harmònicamente o respeito e reconhecimento do valor da tradição, e o amor ao progresso. É esta, aliás, a atitude base de todo o cristão, que fundado em sólidos princípios e partindo do que deixaram os que lhe foram anteriores, caminha sempre numa abertura constante ao que de bom possa chegar até ele.

São fundamentais para o filósofo cristão estas duas atitudes — a de radica-

(1) Art. cit.

mento na tradição, e a de progresso, contactando com o que se passa à volta. «A Filosofia que a Igreja aprova é estável sem ser estática; cresce, mantendo-se fiel a si mesma. A sua característica fundamental é ser uma doutrina de verdade transcendendo o relativismo» (1). O andar dos tempos não anula o que de bom foi conseguindo em séculos anteriores; o avanço da ciência só pode enriquecer e completar o que já se conhecia.

«Qualquer verdade que a razão humana, por meio de uma pesquisa sincera, for capaz de descobrir, não poderá jamais estar em contradição com uma verdade já anteriormente demonstrada». É pois possìvelmente uma Filosofia estável e tradicional a «*philosophia perennis*».

É errado porém, supor que as questões essenciais desta Filosofia foram por ela exaustivamente tratadas, que nada mais há a acrescentar. «Pode-se dar à Filosofia, também nestas questões essenciais, uma veste mais conveniente e mais rica poder-se-á reforçar a mesma Filosofia com expressões mais eficazes, despojá-la de certos meios escolásticos menos adequados, enriquecê-la ainda — com prudência, porém — com certos elementos que são fruto do progressivo trabalho da inteligência humana. Não se deverá, porém, jamais subvertê-la com falsos princípios, nem estimá-la só como um grandioso monumento, de valor puramente arqueológico». Por outro lado, deve evitar-se a ideia de que, uma vez que se está de posse da verdade, nada mais há a fazer do que debruçar-se sobre ela, esquecendo as outras correntes de pensamento. Pelo contrário, as doutrinas contemporâneas devem ser estudadas a fundo «já pela razão de que as doenças não se podem curar se não forem primeiro bem conhecidas, já porque nessas falsas teorias, muitas vezes está latente alguma parcela de verdade, já, finalmente, porque esses mesmos erros incitam a inteligência a perscrutar e a examinar certas verdades filosóficas teológicas com maior atenção e agudeza». É particularmente importante para o entendimento com os outros, o respeito pelas opiniões dos adversários, e a convicção de que, em muitíssimos casos, elas vêm de uma verdade que foi desviada do verdadeiro caminho, ou pelo menos, nasceram de uma aspiração verdadeira. Porém, os pensadores católicos «não julguem, levados por um falso irenismo, que se possa obter o suspirado retorno dos dissidentes e dos errantes ao seio da Igreja, senão se lhes ensina, sinceramente, sem nenhuma corrupção nem diminuição, toda a verdade professada pela Igreja».

Finalmente, ainda na parte positiva da Encíclica, o Santo Padre aponta como obrigatória nos estabelecimentos de ensino eclesiástico, a Filosofia tradicional da Igreja, a Filosofia de S. Tomás de Aquino, já que o seu método «se distingue por singular superioridade, tanto no ensino como na investigação; a sua doutrina harmoniza-se esplendidamente com a Revelação divina, e é eficacíssima, tanto para pôr a salvo os fundamentos da fé, como para colher com utilidade e segurança os frutos de um sádio progresso».

É a verdadeira «*philosophia perennis*», em que perfeitamente se enquadra a experiência científica. «Reparemos — diz Sua Santidade no citado discurso ao IV Congresso Tomista Internacional — que em geral, o estudo honesto e profundo dos pro-

(1) Ibidem.

blemas científicos, não sòmente não conduz por si mesmo a uma oposição aos princípios certos da «*philosophia perennis*», mas recebe deles, pelo contrário, uma luz que talvez nem os próprios filósofos esperavam, e que, em todo o caso, não podiam esperar tão contínua e intensa».

Porém, enaltecendo deste modo a doutrina do Doutor Angélico, a Igreja não lhe confere nenhum valor dogmático. Pode ser-se cristão sem se ser tomista. Quis no entanto evitar o erro e prevenir contra um possível desvio, para que não fosse considerado por alguns como pronúncio de uma decadência tomista aquilo a que no parecer de Albert Dondeyne apenas se deve chamar «crise de crescimento».

Naquilo que se pode considerar como a parte negativa da Encíclica, são condenadas, como já foi dito algumas doutrinas erróneas. Em primeiro lugar, é afirmada a falsidade do sistema evolucionista absoluto, com tendências monistas e panteístas, cujas «falsas afirmações (...) prepararam o caminho às aberrações de uma nova Filosofia, que fazendo concorrência ao idealismo, ao imanentismo e ao pragmatismo, tomou o nome de existencialismo». Note-se, no entanto, que nem todo o existencialismo é condenado, mas apenas o ateu e anti-metafísico. O historicismo «que se atém sòmente aos acontecimentos da vida humana e subverte os fundamentos de toda e qualquer verdade ou lei absoluta, seja no campo da Filosofia, seja no dos dogmas do cristianismo», é também declarado de rejeitar. «O erro comum que a Encíclica reprova a estas três tendências é o relativismo. Relativismo de conhecimento: desconfia-se da razão, dos seus conceitos, dos seu raciocínios. Relativismo do real: desdenha-se quando não se recusa, a Metafísica abstracta do ser». (1).

SEABRA DINIZ

(1) Hayen, art. cit.

PIO XII E O CINEMA

Se atentarmos nas ideias mestras do Pontificado de Pio XII, uma das mais importantes, senão mesmo a mais notável é, sem dúvida, aquela que Sua Santidade define na última Mensagem de Natal como «a necessária integração e estabilidade da vida toda em Cristo». São ainda da mesma Mensagem estas palavras vigorosas:

> *É principal dever dos cristãos fazer que a sociedade moderna volte a estruturar-se sobre os princípios consagrados pelo Verbo de Deus feito carne» (1).*

Em função desta mentalidade, não nos admira, pois, o extraordinário e solícito interesse que o Papa do universalismo cristão tem dedicado ao cinema — essa invenção nova que, com 60 anos apenas, avassalou já o nosso mundo, tornando-se elemento integrante da vida moderna.

Não pensemos, porém, que a Santa Sé, apenas com Pio XII se começou a ocupar da arte das imagens. Data de 1912 o primeiro documento pontifício referente ao cinematógrafo. Pio XI dedicou-lhe, além de quatro discursos a Encíclica «*Vigilanti Cura*» e por duas vezes colocou o cinema como intenção mensal do Apostolado da Oração.

Mas é com Pio XII que este crescente interesse se intensifica de modo extraordinário. Quatro discursos e largas referências em onze outros, nove cartas da Secretaria de Estado, um documento da Sagrada Congregação dos Religiosos e outro da Sagrada Congregação da Propaganda Fide, criação em 1948 e remodelação em 1954 da Comissão Pontifícia de Cinema, Rádio e Televisão, uma carta desta mesma comissão: eis o balanço da actividade do Pontificado de Pio XII para o cinema.

Neste estudo iremos procurar determinar o pensamento do Santo Padre a este respeito, esparso por todos aqueles documentos. Assim, veremos em primeiro lugar qual a sua posição perante a cinematografia e em que perspectiva a encara. De posse desta perspectiva partiremos para a análise das normas dadas por Sua Santidade ou na linha do seu pensamento.

I — Posição e perspectiva de Pio XII perante o cinema

Um periodista católico espanhol (2) dizia, não há muito tempo, em magnífica síntese: «A posição de muitos católicos, incluindo clero e educadores (perante o cine-

---

(1) As citações são feitas sobre as traduções não oficiais dos Serviços da Imprensa do Vaticano.

(2) P. José Ignácio Scheifler, S. I. in «Ecclesia» (Revista da A. C. Espanhola) — n.º 712 (5 — III — 55), pág. 14.

ma) foi até há pouco — acrescentaremos que em muitas partes é-o ainda hoje — completamente negativa. Preocupação, derrotismo e anátemas. Luta quixotesca, enquanto as salas aumentavam e as multidões que ouviam os anátemas se agrupavam, àvidas, nas bilheteiras».

Alguma vez a mentalidade da Santa Sé foi promotora, arauto ou pelo menos expoente desta posição? Não. Desde que o cinema se afirmou como um valor real, logo a voz do Vigário de Cristo se ergueu em atitude bem definida.

«Impõe-se uma acção positiva e concorde, mais insistente ainda, para fazer o cinema instrumento de sã educação; que este poderoso e moderno meio de difusão das ideias sirva para a educação moral do povo».

Esta a posição de Pio XI, expressa pela pena do seu Secretário de Estado ao Cónego Brohée, Presidente do Office Catholique International du Cinema (O. C. I. C.) em 1934. E o Cardeal Pacelli, eleito Papa, tomou a mesma atitude, depositando a sua «confiança no cinema como eficaz e positivo instrumento de elevação, educação e progresso». Estas palavras pronunciadas em 28 de Outubro de 1955 eram corroboradas por outras que definem bem a sua posição.

«O fim que nos propomos não é assacar ao cinema estéreis acusações, mas levá-lo a ser instrumento, cada vez mais, apto do bem comum» (1).

Mas em que perspectiva interessa o cinema à Igreja? Será como técnica, como arte? será nas suas consequências humanas e sociais? Podemos mesmo levar mais longe a pergunta fazendo-nos eco daquela objecção que muitos espíritos frequentemente se levantam: Não tem a Igreja tantos outros problemas mais importantes a solicitar-lhe a atenção? Porque este interesse pelo cinema?

A estas perguntas responde o Santo Padre com particular clareza. Não ignora a objecção levantada:

«Sendo o cinema ,por sua natureza, arte e distracção, parece que deveria limitar-se, por assim dizer, às margens da vida, embora dirigido pelas leis comuns que regulam as actividades humanas ordinárias; mas como, de facto, se tornou, para a geração presente, problema espiritual e moral de imenso alcance, não pode ser descurado por aqueles que têm a peito a sorte da parte melhor do homem e do seu futuro».

E o Vigário de Cristo acentua o papel que compete à Igreja:

---

(1) Em presença desta linha constante do pensamento pontifício ocorre perguntar: porque se afastaram os católicos do cinema? Entre as várias respostas possíveis, apontamos uma: não se ouviu a voz do Romano Pontífice. Em abono desta afirmação, basta lembrar que esse importantíssimo documento que é a Enc. «*Vigilanti Cura*» de Pio XI, publicada em 1936, só foi traduzida e publicada em Portugal em 1942, e em França em 1946.

«Sobretudo não pode ser descurado pela Igreja e pelos Pastores dela, a cuja vigilância nenhuma questão moral deve furtar-se, especialmente se ela se reflecte em inúmeras almas, com consequências incalculáveis».

É, portanto, sob o ponto de vista das suas consequências morais e humanas, que o cinema interessa à Igreja. Mas será apenas nesse? Não. No facto fílmico há uma interpretação necessária entre os elementos sociológicos, morais, psicológicos e artísticos. Não se poderá, por isso, de modo nenhum, encarar cada um dos aspectos isoladamente. Para a compreensão das consequências sociais e humanas é absolutamente necessário ter em conta as próprias causas dessas consequências, ou seja, as forças de atracção do filme. É sentindo, precisamente, esta necessidade que Pio XII, em linguagem clara e acessível, analisa aquelas mesmas forças, no discurso de Junho. de 1955.

«A primeira força de atracção do filme deriva das suas qualidades técnicas que operam o prodígio de transferir o espectador para um mundo imaginário, ou, no filme documentário, de lhe pôr debaixo dos olhos a realidade distante no espaço e no tempo».

Mas a sedução do filme não vem apenas da técnica; nele se pode operar também, através do realizador, a transfiguração do tema tomado, ou seja, é também arte! E da extraordinária fascinação que esta exerce nos espíritos faz Pio XII a segunda e mais importante força de atracção do filme, comentando-a nos seguintes termos:

«Da ingénua narração visual dum facto comum chegou-se a transportar para a tela o curso da vida humana nos seus múltiplos dramas, analisando sùbtilmente os ideiais, as culpas, as esperanças, as mediocridades ou as grandezas de uma ou várias personagens».

Acentua o Santo Padre, nestas palavras, aquele valor novo trazido pelo cinema e já tantas vezes assinalado: a capacidade de assumir em toda a sua integralidade os temas tratados. E das consequências humanas e morais deste facto, fácil nos é ajuizar..

Estas duas forças de atracção do filme não bastam, porém, para compreendermos a sua enorme influência. Como lembra Pio XII, é preciso ainda:

... «atender à grande parte que na cinematografia têm as leis psicológicas, seja enquanto explicam o modo como o filme actua nos espíritos, seja enquanto conscientemente se aplicam a fim de produzir mais viva impressão nos espectadores».

Resumindo: nota, pois, o Santo Padre que as consequências morais do filme só se podem compreender perfeitamente tendo em conta as relações daquele com a técnica, com a arte, com a psicologia. Mostrandose, porém, profundo conhecedor da Filmologia, essa nova ciência que estuda, entre outras coisas esta actuação psicoló-

gica do filme, Pio XII destaca duas daquelas leis, acima referidas, e de particular interesse no estudo da influência do filme — a transmutação do Eu e as relações do fenómeno fílmico com o estado onírico.

Referindo-se à primeira, diz:

«Se mediante o influxo do filme, enquanto recebido passivamente no espectador e com a sua correlativa actuação psíquica, este se deixa verdadeiramente cativar pelo mundo que lhe perpassa diante dos olhos, é levado a transfundir em certo modo o próprio Eu, com as suas disposições psíquicas, as suas experiências íntimas e os desejos latentes e indefinidos, na pessoa do actor».

E o Santo Padre sublinha as consequências humanas de tal facto:

«Enquanto dura esta espécie de encantamento, devido em grande parte à sugestão do protagonista, o espectador move-se no mundo deste como se fosse o seu próprio».

Quanto ao segundo ponto, desfaz Pio XII aquela aproximação sedutora mas apressada que tem identificado, não com inteira verdade, o facto fílmico com o estado onírico.

...*«As visões e imagens, no sonho, procedem apenas do interior de quem sonha, ao passo que ao espectador são transmitidas pela tela, em ordem, porém, a suscitar outras no íntimo da consciência, mais vivas e amadas».*

Por isso, em consequência desta distinção real, ao contrário do sonho, as imagens do filme têm consequências morais e humanas que Pio XII lembra:

«Sucede, assim, por vezes, que o espectador vê realizar-se, sob as imagens de pessoas e coisas, aquilo que na realidade nunca se verificou, mas que ele muitas vezes, no seu íntimo pensou profundamente, desejou ou temeu».

Refere ainda o Santo Padre um outro elemento importante do agrado do filme:

...*«a interpretação livre e pessoal do espectador e previsão do curso ulterior da acção o que, de algum modo, proporciona o gozo de quem cria o entre-*

E conclui esta análise chamando a atenção para o facto de que

...*«com os seus métodos próprios, o filme adoptou as regras tradicionais da narração — que se fundem também nas leis da psicologia — a primeira das quais é manter sempre viva a atenção do leitor até ao último episódio: despertando nele hipóteses, expectativas, esperanças, temores, numa palavra, suscitando-lhe interesse pelo que vai suceder às personagens, tornadas já em certo modo suas conhecidas...»*

E por isso lembra Pio XII.

...*«Por mais esta interferência do filme na actividade psíquica do espectador, aumenta o atractivo da representação cinematográfica».*

Resumem-nos estas últimas palavras o objectivo desta análise que devemos ter bem presente e que, aliás, foi realçada logo no início — determinar o grau de interferência do filme no espectador precisamente pelas suas causas, para, desse modo, encarar em toda a sua amplitude os problemas morais e humanos, destas consequentes.

Mas, perante o cuidado — de que aliás demos apenas pálida ideia neste resumo — com que o Papa encara estes problemas íntimos da estrutura do filme, não poderemos levar mais longe a perspectiva de Pio XII perante o cinema? A estructura deste interessará o Santo Padre apenas como meio de compreender melhor os problemas morais, ou não haverá um interesse pelo próprio cinema em si? Devemos responder pela segunda alternativa se tivermos em conta aquelas palavras saídas não há muito da Santa Sé.

> *«Os filhos da Igreja têm a este respeito uma missão privilegiada a cumprir para a salvaguarda e eventualmente para a promoção de verdadeiros valores cristãos e humanos na arte cinematográfica»* (1).

Como não ver nesta promoção de valores cristãos e humanos a realizar pelos católicos, no cinema, o eco daquele pensamento que destacámos ao começo, como ideia fundamental do Pontificado de Pio XII «a necessária integração e estabilidade da vida toda em Cristo»?

Acima de tudo, porém, um facto há a relevar na análise que fizemos — a preocupação de seriedade no encarar os problemas levantados pelo cinematógrafo de que Pio XII nos dá magnífico exemplo.

As consequências morais e humanas que apontámos acima, ao filme, levantam vários problemas perante a comercialização actual do cinema. Ocupar-nos-emos, pois, nesta segunda parte das normas de acção dadas pela Santa Sé quanto a esses mesmos problemas. Trataremos apenas daqueles em que Pio XII mais tem insistido ou porventura, dado novas directivas, pois muitas destas questões receberam já de Pio XI na Enc. «*Vigilanti Cura*» princípios de solução, verdadeiramente definitivos.

II Normas de solução de vários problemas

Um primeiro problema e, sem dúvida, o mais discutido é o das censuras. A cada passo se ouve: porquê a censura? porquê uma classificação moral de filmes?

Perante a poderosa capacidade do filme apontada atrás pergunta Pio XII:

> ...*«Como poderia ser abandonado a si mesmo ou condicionado ùnicamente por vantagens económicas um instrumento em si nobilíssimo mas tão capaz de elevar os espíritos como de os perverter? um veículo tão rápido da difusão do bem como do mal?»*

A resposta segue-se naturalmente.

---

(1) Mons. Montini, Pro-secretário de Estado, em carta ao Congresso do O. C. I. C., reunido em Colónia, em 1954.

«A vigilância e reacção dos poderes públicos, plenamente justificadas pelo direito de defender o património comum, civil e moral, manifestam-se de diversas formas: na censura civil e eclesiástica dos filmes e, sendo preciso, na sua proibição e nas listas de filmes, publicadas por comissões de exame, que as qualificam segundo o mérito, para conhecimento e orientação do público».

Mas o Santo Padre não esquece a possibilidade de uma censura de iniciativa privada cuja justificação, vantagens e inconvenientes expõe.

«É bem verdade que a mentalidade do nosso tempo, intolerante mais do que seria justo, da intervenção dos poderes públicos, preferiria uma defesa que partisse directamente da comunidade. Seria certamente para desejar que se obtivesse a união concorde dos bons contra o filme corruptor, onde quer que ele aparecesse, para o combater com os meios jurídicos e morais disponíveis; todavia semelhante acção é insuficiente, só por si».

Dá-nos Pio XII a razão desta insuficiência.

«O ardor e o zelo privado podem afrouxar e de facto afrouxam depressa, como a experiência mostra». (1).

E acrescenta, sintetizando o panorama de grande parte da produção actual:

«Em contrapartida, não afrouxa a agressividade da propaganda contrária que... encontra aliado fácil no mesmo interior do homem, isto é, no instinto cego, com as suas aliciações ou os seus impulsos baixos e brutais».

A conclusão é pois clara.

«Se, por conseguinte, o património civil e moral do povo e das famílias deve ser eficazmente defendido, é mais que justo que a Autoridade pública intervenha devidamente para suprimir ou refrear as influências mais perigosas».

E o pensamento pontifício àcerca do valor normativo das classificações morais católicas explicita-se na carta dirigida por Mons. Montini, Pro-secretário de Estado ao Congresso do O. C. I. C. reunido em Colónia, em Junho de 1954.

«Na medida em que os organismos nacionais (de classificação) tenham recebido um explícito mandato da Hierarquia não se deve duvidar do carácter normativo dos juízos morais que emitem sobre os filmes. Os fiéis têm, por isso,

---

(1) Corroboram bem as palavras do Santo Padre as recentes transgressões impunes, por alguns filmes, do Código do Pudor — censura particular adoptada pelos produtores cinematográficos de Hollywood, em 1924, sob inspiração de William H. Hays.

o dever de se informarem de tais juízos e de conformar com eles a sua conduta».

Deseja o Santo Padre que este ponto esteja suficientemente claro e entre nas convicções de todos. Por isso, Mons. Dell'Acqua, em carta ao Congresso do O. C. I. C. reunido em Dublin em Julho de 1955 insiste:

«Como conceber-se que penas ou vozes católicas possam tratar de uma película sem fazer menção expressa da sua classificação moral?

Poderia restar ainda alguma dúvida quanto aos críticos. Para esses, porém, é dito:

«A legítima liberdade de que goza o crítico para apreciar o valor artístico e as demais qualidades técnicas harmoniza-se perfeitamente com o seu dever de cristão de ter em muita consideração o juízo moral emitido, com as maiores garantias, pelos organismos qualificados; mais ainda, deve estimar, no que vale tal juízo e difundi-lo lealmente».

Que garantias, porém, são estas de que se fala? Trata-se apenas do aspecto moral ou pretende-se também incluir aspectos artísticos? Sobre este assunto, aliás muito controvertido entre os católicos, não temos do Santo Padre normas concretas. Apenas se fala da «prudência e desejo de rectidão com que as comissões devem fazer a classificação moral». Mas, poder-se-á fazer boa classificação moral, desconhecendo o elemento artístico, o próprio valor educativo da arte?

Teremos uma boa resposta se aqui recordarmos aquela preocupação de seriedade de que Pio XII nos dá óptimo exemplo ao estudar os problemas morais e humanos levantados pelo filme, precisamente na sua origem , isto é, na sua estrutura Portanto, embora não tenhamos normas concretas, podemos inferir do modo de proceder do Santo Padre que as «garantias» de que fala Mons. Dell'Acqua se referem primàriamente ao aspecto moral mas supõem o artístico.

Porém, a excessiva importância dada ao valor educativo da arte, acima referida, pode levar a exageros de que Mons. Montini nos adverte na carta atrás citada.

«É necessário libertar-se (o organismo de classificação) de toda a brandura em relação às películas recomendáveis pelo seu valor artístico ou pelo interesse do problema exposto , mas que estejam sujeitas a graves reservas no ponto de vista moral ou religioso».

Não se diz que o mal não possa ser levado à tela, pois, como veremos adiante, o Santo Padre justifica mesmo a presença dele aí, em certas condições. Mas chama-se a atenção para uma forma que pretensamente queira ser artística e sobretudo apela-se para a distinção de pùblicos. Aqui, porém, lembra Mons. Montini oportunamente.

«É muito necessário recordar que não se trata de emitir um juízo para um grupo restrito de fiéis instruídos... O ponto de vista do bem comum exige-o assim, acima de toda a perspectiva particular; isto torna-se, todavia, mais certo se se considera a acção perseverante que se deve realizar sobre a opinião pública e sobre a própria produção» (1).

Dão-nos estas últimas palavras o tema para a continuação das considerações desta segunda parte.

ACÇÃO POSITIVA

Já hoje se concede, mesmo nos arraiais não católicos, que a Igreja toma perante o cinema aquela posição activa que analisámos no início. Pretende-se, porém, reduzir essa posição a mera actividade negativa, isto é, às classificações morais de que acabámos de falar. Isto de forma alguma é certo no que respeita à doutrinação da Santa Sé. Haja em vista o pensamento das últimas palavras da citação feita acima — uma acção perseverante deve ser realizada sobre a opinião pública e sobre a própria produção.

a) CINEMA CATÓLICO

Àqueles que condenam a Igreja por esse pretenso fazer das classificações morais um fim inultrapassável nos programas de actividade responde a Santa Sé sugerindo, em primeiro lugar, que sejam aproveitadas no apostolado as imensas possibilidades do cinema.

Assim a 14 de Julho de 1945 exclamava Pio XII perante os Membros da Comissão Executiva para o cinema, de Hollywood.

«Que imenso bem não pode fazer o cinema!»

E a terminar este mesmo discurso pedia

...«que Deus faça prosperar esta obra para maior bem da juventude e da velhice em todas as partes».

Neste sentido ainda em carta às jornadas católicas cinematográficas sobre o cinema e as Missões, reunidas em Malta em 1952 afirmava o Perfeito da Propaganda Fide.

«Ao sentir a necessidade de adaptar o apostolado às exigências modernas, a Propaganda Fide vê no cinema um instrumento de primeira ordem para reforço da obra evangelizadora».

---

(1) Carta citada.

b) EDUCAÇÃO DO PÚBLICO CINEMATOGRÁFICO

Aos impugnadores da sua pretensa acção negativa responde, em segundo lugar, a Santa Sé urgindo a educação do público cinematográfico.

> *«Não se deve perder de vista, diz Mons. Montini, que a classificação moral das películas deve contribuir normalmente para a educação do critério dos cristãos»* (1).

E é com palavras de paternal encorajamento que Pio XII através da pena do seu Secretário de Estado substituto vem até junto dos participantes nas Jornadas Católicas Internacionais de Estudos de cinema, sobre Educação cinematográfica reunidas em Madrid em 1952, lembrando-lhes:

> *«A técnica e a arte do cinema conheceram, de algumas décadas a esta parte, desenvolvimentos tão rápidos, a influência que elas exercem sobre a juventude é tão considerável, que o educador cristão não pode hoje esquecer o problema assim posto à sua consciência profissional».*

c) ACÇÃO SOBRE A PRODUÇÃO

Mas se a educação cinematográfica é importante pois são os gostos públicos que determinam em grande parte o nível humano e artístico da produção não deixa também esta de ter a sua responsabilidade no valor dos filmes. Por isso aconselha o Santo Padre, em terceiro lugar, uma acção directa junto daquela.

Quais as característica desta acção? Trata-se de dirigismos? de normas coarctadoras da liberdade de criação do artista?

Nem uma coisa nem outra. Trata-se sim de fazer junto dos produtores, realizadores, numa palavra, junto da gente de cinema, um trabalho de educação, de «informação», de incarnação daqueles sãos princípios que constituem o Humanismo integral. Aquele humanismo em que se dá a harmonia perfeita de todos os valores. Vivenciando esses sãos princípios os homnes de cinema realizarão, naturalmente, perfeitas obras de arte, fruto, não da sujeição, no realizador, de tudo o mais ao filme, mas da perfeita harmonia deste com todos os valores. Realizarão, verdadeiramente o filme ideal.

Foi em ordem a lembrar alguns daqueles princípios que Pio XII dirigiu os seus discursos de 21 de Junho e 28 de Outubro de 1955 ao «mundo do cinema». E não se diga, como já se pretendeu, que «se trata de um programa ideal de uma cinematografia católica... com modernidade de vistas». (2) O Papa coloca-se na perspectiva do homem naturalmente honesto e por isso os seus conselhos são válidos tanto para católicos como para não católicos.

Apesar de se dirigirem assim a artistas e técnicos, terá muito interesse examinar

---

(1) Carta citada.
(2) Cuigi Chiarini in *«Cinema Nuovo»* (25-XII-1955) pág. 447.

do ponto de vista do espectador alguns dos problemas tratados nesses documentos. Concluamos pois esta síntese do pensamento de Pio XII sobre o cinema comentando-os

Toma o Santo Padre o filme ideal em relação a três coisas: ao sujeito, ou seja, o espectador; ao objecto, isto é, o conteúdo do filme; à comunidade (família, estado, Igreja). Uma ideia domina totalmente os dois discursos: a arte não é valor absoluto mas ordena-se dentro de uma harmonia, na qual tem outros valores a respeitar — a perspectiva humanística que assinalávamos há pouco.

Em relação ao espectador lembra Pio XII que deve o filme ideal possuir quatro características: a) «*ter respeito ao homem*» e «*reforçá-lo e elevá-lo na consciência da sua dignidade*»; b) «*que ao respeito pelo homem junte afectuosa compreensão*» pelos problemas deste; c) que realize «*o cumprimento das promessas e a satisfação dos desejos talvez apresentados e suscitados desde o começo*»; d) e por fim «*precisa ainda* (o filme ideal) *de adaptar-se às exigências do dever inerente à natureza da pessoa humana e, em particular, do espírito*».

Foi, porém, a segunda parte — relação do filme ideal como o conteúdo do mesmo — que mais feriu a atenção de todos os comentadores.

Começa o Santo Padre por se ocupar do filme de ensino em que engloba não só o filme didático e científico mas ainda o de carácter cultural. Resume assim as suas características:

> «*Os conhecimentos novos ou mais profundos que oferece devem ser exactos, fáceis de entender, e apresentados com perfeito método didático e apuradas formas artísticas*».

Mas em cinema não se pode esquecer o público e por isso lembra Pio XII.

> «*Tendo em conta a sede que o público mostra de cultura e as frequentes lamentações de a não possuir, esta categoria de filmes, contanto que realizada com perfeição ideal seria em toda a parte bem recebida, e contribuiria para o porgresso civil*». (1)

Seguidamente considera Sua Santidade dois casos particulares e importantes do filme de espectáculo:

> «*Se no filme de acção é permitido tomar como matéria argumentos religiosos*» e se «*é permitido escolher e com que reserva se deve tratar o mal e o escândalo*».

---

(1) Não pensemos, todavia, que o Santo Padre substitui este extraordinário meio difusor de cultura ao livro ou ao professor. Por duas ocasiões precisou já o seu pensamento neste ponto: num discurso aos participantes do Congresso Nacional da Associação Italiana de Professores Católicos, lembrou em 1948 — «os filmes didáticos oferecem hoje, às escolas, grandes possibilidades mas ùnicamente nos casos em que o professor possua largos conhecimentos e saiba utilizar lealmente estes meios»; e em outro discurso à Delegação dos Institutos Italianos de Ensino secundário, em 1949, acentuou: «Precisamente na época, em que viveis, da cinematografia, o livro adquiriu maior importância. O filme, mesmo irrepreensível, permanece, pela sua própria natureza, unilateralmente visual e corre pois o risco de tornar superficial o espírito da criança se esta não recebe, ao mesmo tempo, um alimento através de úteis e sãs leituras».

Depois de acentuar, quanto ao primeiro caso, que *«não se vê por que motivo os argumentos religiosos em absoluto e sobretudo eles deveriam ser excluídos do cinema»*, o Santo Padre lembra que

> ...*«ainda quando o tema não é expressamente religioso, o filme ideal de acção não deveria ignorar o elemento religioso»*.

E aponta a razão.

> *«A grande maioria da gente crê em Deus e dá notável parte da vida ao sentimento religioso»*.

Convém não interpretar erròneamente estas palavras. Para o realizador, não são salvo conduto para a hipocrisia de introduzir o elemento religioso e m filmes cujo desvalor não comporta essa sublimação. E lembram ao espectador que não é a presença daquele elemento religioso que torna recomendável um filme de temática ou ralização inferior, mas sim o seu valor global elevado por aquele elemento é que o torna recomendável.

Sobre os filmes de argumento pròpriamente religioso faz Pio XII preciosas observações:

> *«É necessário reconhecer que nem todo o facto ou fenómeno religioso se pode transferir para a tela, ou pela intrínseca impossibilidade de o apresentar em cena, ou porque se opõe à piedade e ao respeito. Além disso, o argumento religioso apresenta muitas vezes para autores e actores, especiais dificuldades, e talvez a principal esteja em evitar toda a aparência de artifício e amaneiramento, e toda a impressão de coisa aprendida maquinalmente, porque a verdadeira religiosidade é, de per si, contrária à exterior ostentação, e não tolera fàcilmente ser «recitada»*.

Bem úteis são estas observações, no que respeita ao público, que necessita de ser advertido contra uma vaga comercial de filmes religiosos, os quais, se chamam a atenção para os valores espirituais, todavia o fazem de modo deseducativo quando não prejudicial. No fundo pede o Santo Padre ao realizador a virtude fundamental do artista — a sinceridade.

E a esta virtude junta uma outra ao falar da representação do mal e do escândalo na tela — que se respeite também a objectividade. Depois de notar a atracção que estes problemas têm exercido nos espíritos de muitos artistas e de se deter na consideração do modo como eles são apresentados na Sagrada Escritura conclui Pio XII.

> *«Admitimos portanto, que também o filme ideal possa representar o mal: culpa e queda; mas que o faça com intentos sérios e formas convenientes, de tal modo que presenciá-lo ajude a aprofundar o conhecimento da vida e dos homens, e a melhorar e elevar o espírito»*.

Ao tratar, seguidamente , do filme ideal em relação com a comunidade, o Santo Padre ocupa-se em primeiro lugar da família, lembrando uma vez mais o respeito de que esta é credora.

E passando às relações com o Estado, nota que, para com este, deve o filme ideal assumir uma atitude não de crítica — condenam-se expressamente os filmes de partido, de classe — mas de compreensão para com esta instituição natural que «os homens devem reconhecer, aceitar e respeitar».

Ao tratar, finalmente, da Igreja como tema do filme ideal, faz o Santo Padre importantes considerações. Lembra que aquela «inclui» pela sua própria natureza, «um mundo espiritual e sobrenatural subtraído totalmente à modelação artística». Pode, porém, o filme ideal ocupar-se de temas em que ela entre com maior ou menor relevo e extensão, mas «deve fazê-lo», lembra Pio XII, «com verdade e conhecimento, tacto religioso, simplicidade e decoro».

E, com clareza, acrescenta:

> *Não se exclui que razões históricas, exigências de concepção ou simplesmente um realismo sóbrio tornem necessário apresentar as faltas e os defeitos de pessoas eclesiásticas, no carácter pessoal e talvez até no exercício das funções; neste caso, porém, mostre-se, claramente, ao espectador, a distinção entre a instituição e a pessoa, entre a pessoa e o cargo».*

Não insistiremos na importância e consequente influência que o conhecimento destas observações deve ter na escolha de filmes não só para o católico mas também para todo o homem honesto.

CONCLUSÃO

A terminar este estudo, que de modo algum pretendeu ser exaustivo, do pensamento de Pio XII sobre o cinema, podemos concluir:

É vontade do Santo Padre que nós, católicos, não faltemos junto do cinema, que não lhe neguemos o nosso interesse salvaguardando e, eventualmente, promovendo nele, verdadeiros valores cristãos e humanos», sobretudo que não lhe neguemos a nossa presença, cheios de um ideal que nos transcende mas que se traduz nas realidades da nossa vida e lhes dá valor.

JOSÉ VIEIRA MARQUES



CRÓNICA

SÃO TOMÁS DE AQUINO

Não podíamos, sem desrespeito por uma clássica tradição, deixar decorrer em ambiente de menos brilho o dia 7 de Março.

Depois da Missa Solene, na parte de manhã, esperámos com interesse as horas da tarde. Realizou-se a costumada sessão, tradicional pela oportunidade que sempre nos oferece de ouvir oração erudita de algum mestre apreciado. Foi presidida por Sua Excelência Reverendíssima, o Senhor Arcebispo de Cízico, em representação de S. Em.ª; valorizou-a o estudo sistematizado e claro do terceiranista Filipe Rocha — «Os institutos seculares na espiritualidade do clero diocesano»; enriqueceu-a principalmente a notável dissertação do Reverendíssimo Senhor Padre José Ferreira: «A celebração litúrgica do Mistério Pascal». O trabalho, digno já de apreço pela raridade do assunto, cuja oportunidade era também de notar, muito agradou pela vida e leveza com que foi exposto, pela riqueza do elemento histórico e ainda pela sua parte educativa.

— Inaugurou-se seguidamente a Exposição. O labor oculto de longos meses, despertara em todos uma curiosidade bem justificada, envolta já em antecipados elogios. Ao abrir-se, todavia a sala do museu, confessámos, extasiados, que de todos eles era francamente digna, sentido-nos mesmo de parabéns, na medida em que o estava a nossa casa.

A Exposição, além de um artístico mapa das viagens paulinas, oferece-nos em 24 painéis sucessivos, a Igreja Apostólica nos seus aspectos carismático, comunitário e missionário. Está integrada nas homenagens ao Santo Padre.

O nosso agradecimento aos que por qualquer modo nos deram a sua ajuda; para os que nela trabalharam aqui fica também u mmuito obrigado.

12 DE MARÇO

Sabendo embora que para maiores comemorações estava reservado o mês de Abril, não nos permitia o coração que dia de tal solenidade findasse porventura sem

uma nota de regozijo filial. Deste modo, por iniciativa do curso de Pio XII — 2.º de Teologia — enquadrada aliás em sessão académica, foi-nos comentada com projecções e gravação a vida e obra eminente do Pontífice octogenário. Talvez longa em demasia, nem com isso a homenagem sofreu míngua no seu valor, índice da muita veneração pelo Vigário de Cristo.

Foi isto de manhã. Pela tarde. tivemos brilhante Te Deum na Sé Patriarcal. Soubemos depois, que alguns documentários cinematográficos sobre Roma e o Vaticano terminariam o dia.

REUNIÃO DE FAMÍLIA

Teve lugar a 18 de Março a reunião dos ex-seminaristas desta casa.

Um ano atrás, a primeira, em saudação ao Eminentíssimo Prelado; repetiu-se agora, com muitos parabéns no ano jubilar do seminário: e no fundo, saudades de lá, dedicação de cá, eis a maior razão. Este domingo cheio de alegre amizade foi convite, aliás expresso por muitos, a um continuar sempre nos anos futuros.

Houve Missa Cantada; o almoço depois, em ambiente de gande família; à tarde, sessão solene. Presidiu-a Sua Eminência o Senhor Cardeal Patriarca, que paternalmente acolheu as palavras de gratidão de uns, na pessoa do Dr. Francisco Vitorino, e sublinhou as boas vindas de outros, expressas pelo Senhor Cónego Vice-Reitor. O Dr. Francisco Vitorino alongou-se por algum tempo, fazendo acertadas considerações sobre a educação do Seminário. O grupo polifónico «Stella Vitae» trouxe arte, sabor e graça.

AINDA NA ÉPOCA PASSADA

— Na noite de 11 de Março enchemos o anfiteatro com o intuito de ouvir uma agradável palestra. Bem marcada ela ficou! Vimos à nossa frente a graça e simplicidade do Rev. Padre Albino Borges. Esteve perante nós a dor e o amor de um mártir da Igreja. Sua Reverência é natural de Macau e foi últimamente expulso da China Comunista. A pintura dessa China angustiada, o narrar dos seus julgamentos e do cárcere foram meditação viva que deveras nos tocou a alma.

— Dias antes tivéramos outra, no decorrer de um passeio. Cada ida ao Tojal é uma lição de verdade e pobreza. Para lá peregrinámos no dia 9 de Março e por lá vimos todo o dia a prática de quanto nos disse à tarde o Senhor Padre Adriano. De lá viemos com o corpo mais sadio e a alma bem cheia.

Tudo são graças de Deus, e das maiores o contacto com os pobres.

— No dia 27, por iniciativa académica da secção de filosofia, abriu-se o palco para uma sessão de teatro. Encheu-a, no programa e no valor, a representação do drama «Job», de H. Ghéon. A peça, cujo tema não destoava de uma terça-feira Santa, teve o agrado de todos.

— A terminar, foi a Páscoa. De quanto a viveu cada um. nada se pode, dizer Do trabalho na parte coral, diz-se ter sido muito bom.

— *Durante as férias, receberam alguns dos nossos ordens maiores em Aveiro e Faro. Com um dia de ordenação começou também, a 15 de Abril, a nova época. Foi conferido o Diacoado aos Reverendos José Mendes e Joaquim Susano.*

— *Falou-nos então o nosso Eminentíssimo Prelado. Tomando assunto da última reunião dos ex-seminaristas, definiu a nossa escolha para Cristo; apontou, comentando, algumas razões de muitos serem os chamados, poucos os escolhidos. Mas as palavras de Sua Eminência jamais foram pura exposição psicológica: têm sempre o carinho de um conselho paternal. Por isso as agradecemos.*

— *Na noite do mesmo dia, o Senhor Padre Manuel Falcão dignou-se repetir o comunicado feito na última Semana de Estudos Pastorais sobre a assistência dominical no Patriarcado.*

Da semana, pudemos ainda apreciar a Exposição sobre a Adolescência organizada numa das salas desta casa.

HOMENAGEM AO PAPA

É para Pio XII todo o nosso trabalho do mês de Abril, em homenagem filial.

O dia 22 ofereceu-nos a primeira das anunciadas duas sessões em honra de Sua Santidade. Presidiu-a Sua Eminência. A dar-lhe maior brilho e honrando-nos com a sua visita, estiveram altas individualidades entre elas Mons. Righi, da Nunciatura Apostólica, Mons. Avelino Gonçalves, Professor Toscano Rico, Martinho Nobre de Melo, Mansanares Abecasis, Cincinato da Costa, António de Almeida, Garcial Cabral, Costa Sacadura; Conselheiros Sampaio e Melo, Tavares da Costa, Alvaro Ponces, Abreu Coutinho, Visconde de Rio Torto, Lourenço Vasco; Marquês do Funchal e Condes de Castelo Branco e Vale dos Reis; General João dos Santos Calado; Drs. Castro Fernandes, Joaquim Pinto Coelho, Craveiro Lopes, Campos Rocha, Rafael Seruya, Gaspar Machado, Almada e Melo, Marques Borges, e outros.

Depois de evocada a pessoa do Pontífice Supremo pelo coro polifónico, o finalista Rev. António Leitão falou-nos, num trabalho resumido mas bem ordenado e numa forma cuidada, sobre «A formação eclesiástica na Menti Nostrae».

Ouvimos depois Mons. José de Castro numa lição de consagrado historiador, muito rica de pintura: «Pio XII e Portugal». *O trabalho de tão distinto conferencista prendeu-nos pelo inédito das ocorrências e pormenores relatados, como pela leveza da exposição, cheia de muita graça.*

Por fim, o ilustre pianista Prof. L. Varella Cid consagrou a sessão oferecendo-nos magnífico recital de piano, composto de peças escolhidas e magistralmente executadas. Sua Eminência terminou com palavras de agradecimento e de votos de longa vida para Sua Santidade.

ALBINO CLETO

Cem anos!

VELAS DE CARDIGOS

J. d'Oliveira Tavares, Filhos

Telef. 5 — B. Baixa - CARDIGOS

Primeiros fabricantes das velas de Cardigos cujas fábricas foram fundadas em 1850!

Casa antiquissima preferida pelo Ex.mo clero do continente, ilhas e Províncias Ultramarinas

Premiada em 7 exposições
4 estrangeiras e 3 nacionais

1874 — 1956

82 anos ao serviço do público

AGÊNCIA MAGNO

FUNERAIS — TRASLADAÇÕES
EMBALSAMAMENTOS -- TRANSPORTES
ARTIGOS FÚNEBRES — DECORAÇÕES

R. Santa Marta, 52-A 56-A

Telefones: P.P.C.A. 43189, 43180, 55301, 662772, 080022

Não confundir esta quase secular casa com outra há pouco criada com nome semelhante

FUNDADA EM 1756

«Cenáculo»

VINHO PARA MISSA

Com a aprovação de S. Ex.a Rev.ma o Snr. Bispo do Porto

REAL COMPANHIA VELHA

PORTO

Rua das Flores, 69

LISBOA

Praça dos Restauradores, 14



Se não vê...

Se não vê bem será bom consultar um especialista. Depois... depois venha à nossa casa onde encontrará as melhores lentes e armações.

ALTA qualidade a baixos PREÇOS

HORÓPTICA, LDA

OCULISTA

RUA DE SANTA JUSTA, 27 — LISBOA

RUA INFANTE D. HENRIQUE
PORTO

ROSSIO, 93 2.º
LISBOA

FERREIRINHA

VINHO PARA MISSAS

Preparado conforme norma canónica e com a aprovação de Sua Ex.ª Rev.ma o Snr. Bispo do Porto.

E. PINTO BASTO & C.ª, L.DA

LISBOA

Transportes Marítimos e Aéreos

Seguros

Carvão

REPRESENTAÇÕES (Industriais, etc.)

Exportações e Importações

NO PORTO

Kendall, Pinto Basto & C.ª, L.da

Sociedade Industrial Metalúrgica

S. A. R. L.

SERRALHARIAS

Rua de S. Tiago, 13—LISBOA

Viúva Macieira & Filhos

Fábrica de papel para:

escrever

impressão

e embrulho

Armazém de papéis

nacionais e estrangeiros

e papelão

Trabalhos tipográficos em todos os géneros

Telefones | Escritório 31721 | Papelaria 31722

R. da Madalena, 10-22—LISBOA

SOCIEDADE DE TAPEÇARIAS, LIMITADA

ESTOFADORES E DECORADORES
Rua Augusta, 126-130— Telel. 26669

Casa especializada em estofos e decorações, com oficinas próprias e estoques próprios, os mais completos e variados e aos melhores preços do mercado

SEDAS, DAMASCOS E BROCADOS PRÓPRIOS PARA DECORAÇÕES DE IGREJAS

As mais modernas criações dos industriais nacionais e estrangeiros

Agradece desde já a Vossa muito estimada visita

Américo Martins Paixão

Alfaiate

Especializado em toda a obra eclesiástica

Rua Ferreira Borges, 37-41 — LISBOA

É NA Casa Avé Maria

Rua da Prata, 75 — LISBOA

Telef. 26127

que V. Ex.ª encontra, a preços módicos, um bom sortido de todos os

ARTIGOS RELIGIOSOS

Antiga Fábrica de Velas

de

Alfredo Cadete Pereira

Alcanena — Monsanto

Velas de cera Litúrgicas e de promessa

=

Preços especiais para os Rev.dos Padres e Irmandades

A COROA DE OURO

CASA DAS FLORES, L.da

Rua do Crucifixo, 94-96-98
Esquina da Rua da Vitória, 104-106-108
TELEFONE 20 100

SANTEIRO DECORADOR COM OFICINA PRÓPRIA

Restauro em imagens antigas e modernas
As mais perfeitas imagens em talha de madeira, massa e terracota
Flores artificiais em todas as qualidades e para todos os fins

TUDO O QUE PERTENCE A ARTE SACRA

JÚLIO GOMES FERREIRA & C.A, L.DA

A casa mais antiga do País no seu género
(Fundada em 1832)

Rua da Vitória, 82 a 88 — Rua do Ouro, 166 a 170

Lustres — Lanternas — Placas — Castiçais — Lâmpadas — Suspensões — Banheiras — Caldeiras Esquentadores — Fogões de cozinha

INSTALAÇÕES

SANITÁRIAS ◆ CASAS DE BANHO ◆ PÁRA-RÁIOS ◆ AQUECIMENTO CENTRAL ◆ ASCENSORES ◆ VENTILAÇÃO ◆ ELÉCTRICAS ◆ CONTRA INCÊNDIOS ◆ TELEFONES

TODOS OS TRABALHOS EM LATÃO E FERRO FORJADO

LANIFÍCIOS
PRETOS, MEIAS
DE ALGODÃO,
LÃ E NYLON

Tecidos pretos R.M.
PR. DOS RESTAURADORES, 13 - LISBOA

Concedem-se facilidades de pagamento sem aumento de preço



NA CATEQUESE

NA ESCOLA

EM SUA CASA

Aparelhos de Cinema e Projecção fixa

Filmes e Diapositivos culturais, recreativos e religiosos

Consulte sempre : **Pathé-Baby Portugal, L.da**

LISBOA — Rua S. Nicolau, 22 Norte — PORTO — Rua Santa Catarina, 315

Grave na sua memória onde gravar os seus trabalhos



Fotogravura
ARMEIS & MORENO, LDA.
T.S. JOÃO DA PRAÇA, 38
TELEF. 28055
LISBOA

Pio XII pode bem ser saudado por todos como o defensor indefectível da civilização humana. No caos do mundo contemporâneo, em que as mais nobres ideias e aspirações andam aí enlouquecidas, segundo o termo consagrado, sem já se distinguir com clareza entre a verdade e o erro, o bem e o mal, o belo e o feio, a autoridade e a tirania, a liberdade e a licença — Sua Santidade levanta-se soberanamente, com a consciência de quem participa da infabilidade de Deus, dizendo constante, serena e firmemente as palavras criadoras da ordem nova: a ordem da paz fundada na justiça e da justiça aliada ao amor, ou simplesmente a ordem do Evangelho.

CARDEAL CEREJEIRA

REVISTA DOS ALUNOS
DO SEMINÁRIO DE
CRISTO-REI «OLIVAIS»